

Projeto Pontes (entre a pesquisa acadêmica de Sociolinguística educacional e a formação de professores)

Coordenação: Stella Maris Bortoni-Ricardo

1. Identificação da proposta: Tradição da Sociolinguística Educacional na UnB

O presente Projeto dá sequência a dois Projetos nossos recentes apoiados pelo CNPq e voltados para a área de Sociolinguística Educacional, a saber: Projeto LEF – Letramento no Ensino Fundamental – (485560/2006-2) e Projeto Leitura e Mediação Pedagógica (474631/2008-7), ambos devidamente concluídos e com prestações de contas aprovadas pelo CNPq. Além desses, concluímos em 2010 o Projeto A Brasília que não lê, apoiado pela FAP/DF. Esses Projetos resultaram em muitas publicações, como se pode ver em www.stellabortoni.com.br, inclusive nos seguintes livros:

1. BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. SP: Parábola Editorial, no prelo.
2. BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R.; CATANHEIRA, S. F. *Formação do professor como agente letrador*. SP: Editora Contexto, 2010, p. 191.
3. BORTONI-RICARDO S.M., SOUSA, M. A. F. *Falar, ler e escrever em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, v.01. p.157 (título incluído no PNE/Professor/MEC – 71 mil exemplares).
4. BORTONI-RICARDO S.M. *O professor pesquisador*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p.133.
5. BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
6. BORTONI-RICARDO S.M., SOUSA. *Educação em Língua Materna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, 6ª edição, p.110 (título incluído no PNE/Professor/MEC – 40 mil exemplares).
7. BARBATO, S. *Integração de crianças de seis anos ao ensino fundamental*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, v.01. p.120, (título incluído no PNE/Professor/MEC – 71 mil exemplares).

8. ALVES, M.R.N.R. *Educação de jovens e adultos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p.96.

A sociolinguística é um dos ramos dos estudos linguísticos que mais se desenvolveu no Brasil. Pesquisas feitas no âmbito da Associação Brasileira de Linguística – Abralín – mostram a pujança da Sociolinguística, em suas diversas subáreas, em muitos centros de pesquisa (HORA, *et alii* orgs., 2009). Mesmo pesquisadores que não se denominam sociolinguistas têm assimilado pressupostos dessa disciplina, especialmente quando se dedicam a trabalhos relacionados às contribuições da Sociolinguística a problemas educacionais. De fato, a Sociolinguística é possivelmente o ramo dos estudos linguísticos que mais contribuições tem feito à educação das minorias socioeconômicas, em comunidades monolíngues, no Brasil e em outros países (Ver Mollica, 1998; Bortoni-Ricardo, 2004).

Desde o seu berço a Sociolinguística, tanto na sua vertente variacionista quanto na sua vertente qualitativa, demonstrou preocupação com o desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos étnicos ou redes sociais. Desde então muito tem contribuído para os avanços na pesquisa das questões educacionais em diversos países do mundo, principalmente nas últimas quatro décadas. O objetivo tem sido o de construir novas metodologias que auxiliem professores a desenvolver em seus alunos as habilidades cognitivas necessárias a uma aprendizagem mais ampla e à expansão de sua competência comunicativa (BORTONI-RICARDO, S. M.; FREITAS, V.A.L, 2009, p.218).

2. Qualificação do principal problema a ser abordado

Apesar de contarmos no Brasil com um amplo acervo de pesquisas e de livros que se enquadram no âmbito da Sociolinguística voltada para a Educação, muito pouco desse conhecimento sistematizado tem efetivamente chegado aos cursos de formação de professores, em especial, àqueles voltados para a formação do professor de séries iniciais (Ver Pereira, 2008, em relação à formação continuada; Cobucci, 2010, em relação aos cursos de Letras; Castanheira, 2007, e Souza, 2011, em relação aos cursos de Pedagogia).

É lamentável que isso ocorra, pois os trabalhos de base sociolinguística, com viés educacional, podem contribuir muito na solução dos problemas educacionais brasileiros. Mas, para isso, é preciso que esses trabalhos de fato atinjam o seu principal público leitor, que é o professor em formação ou em atividade. Por isso é importante que os resultados da pesquisa sociolinguística sejam incluídos nos currículos dos cursos de formação de professores.

A heterogeneidade em nossa língua, cujas origens remontam às desigualdades sociais vigentes desde o período colonial, está diretamente

relacionada ao acesso que os grupos sociais têm à cultura letrada e hegemônica, cultivada principalmente pelas elites urbanas. Não se pode implementar uma política nacional eficiente de alfabetização sem que se leve em conta a variação linguística distribuída ao longo do contínuo de urbanização e estratificada em função de renda e status sócio-econômico, pois a língua padrão neste país é basicamente associada a classe social (BORTONI-RICARDO, S.M., 2010, p.73).

A discussão recente sobre a inclusão de noções de variação em livro didático, que todo o país acompanhou, nos levou às seguintes ponderações. A variação na fala é objeto de estudo da Sociolinguística, ciência que surgiu em meados do século passado, motivada pela preocupação de especialistas em estudos da linguagem com o fraco desempenho escolar de crianças pobres nos Estados Unidos e na Europa. Enfatizavam os sociolinguistas a dupla ignorância: a escola ignora a fala dos alunos e os alunos têm dificuldade para entender e assimilar a fala da escola. Diante disso comprometeu-se essa disciplina a lutar pelo respeito às diferenças linguísticas, que passou a descrever cientificamente. Nos centros em Washington D.C. e em outras cidades onde a Sociolinguística teve o seu nascedouro, chegou-se até mesmo a se cogitar de alterar a ortografia em livros escolares de modo que ela refletisse com mais fidelidade a pronúncia da variedade então conhecida como *Black English*, e hoje referida como Vernáculo Afro-Americano. Mas essa proposta não foi à frente porque se concluiu que a ortografia do inglês já está tão distante da atual pronúncia da língua que alterações ortográficas poderiam criar mais empecilhos que benefícios à alfabetização dos falantes do *Black English*.

Esses mesmos estudiosos pioneiros, entre eles William Labov, descreveram a morfologia e a fonologia dessa variedade, demonstrando sua sistematicidade. William Labov mostrou também, em um artigo clássico, "The logic of nonstandard English" (1972), que falantes da variedade estigmatizada argumentavam oralmente com coerência e lógica impecáveis. Quase todos os trabalhos acadêmicos de Sociolinguística dessa fase inicial desenvolviam análises contrastivas, indicando as regras de fonologia e gramática que diferiam entre as variedades do inglês. Também no Brasil, após várias décadas de pesquisa sociolinguística, já contamos com muitos trabalhos, amplamente documentados com bancos de dados, sobre as diferenças entre a variedade padrão da língua, de natureza suprarregional, e variedades faladas em grupos social e geograficamente mais isolados, de cultura predominantemente oral.

Se um professor do Ensino Básico conhece as características da fala do grupo social de onde provêm seus alunos, poderá planejar seu trabalho pedagógico com vistas a ampliar a competência comunicativa desses alunos, habilitando-os a usar outras variantes de mais

prestígio, na escrita e na fala quando essa precisa ser monitorada. Todo falante tem de monitorar sua fala de modo a atender às expectativas de seus ouvintes; tal flexibilidade é fundamental para que ele possa ser bem recebido em qualquer ambiente e assim ter mobilidade social.

Recentemente concluímos uma pesquisa na UnB, com apoio do CNPq _ “Leitura e Mediação Pedagógica”_ em que estudamos as diferenças não só nos modos de falar, mas também na visão de mundo dos leitores. Pudemos explicar sistematicamente por que alunos brasileiros têm dificuldades de entender textos de seus livros didáticos. O que dificulta a compreensão não são apenas as diferenças linguísticas, mas as referências a um mundo letrado a que eles não têm amplo acesso. Toda a nossa análise apoiou-se em pressupostos sociolinguísticos, inclusive o relativismo cultural.

Se a variação linguística for discutida na escola, inserida na matriz do multiculturalismo brasileiro, teremos mais oportunidade de trabalhar a gramática da língua padrão, descrita nos compêndios de gramática normativa, à luz das características da nossa fala brasileira; poderemos identificar os contextos em que as diversas variedades da língua são produtivas; poderemos também ler com mais interesse a literatura brasileira que, desde o Modernismo, incorporou modos brasileiros de falar. E mais, ao trabalhar a leitura em sala de aula, os professores, que são os principais agentes letradores, saberão reconhecer estruturas linguísticas que não pertencem ao repertório dos seus alunos, antecipar as dificuldades, “traduzi-las” e associá-las a variantes mais usuais na linguagem oral coloquial. Poderão ainda construir agendas e elaborar sequências didáticas que visem a capacitar os alunos a se tornarem “bidialetais”, no seu uso da língua portuguesa. A variação linguística não é uma deficiência da língua, é um recurso posto à disposição dos falantes. Insisto, porém, em um ponto: ao ensinar diferentes modos de falar, é preciso que a escola esteja bem consciente e bem preparada para mostrar que a esses modos diferentes de falar associam-se valores sociossimbólicos distintos. A escolha entre os modos de falar não é aleatória, é definida pelos valores vigentes, alguns seculares, que normatizam a comunicação humana e a vida em sociedade. E mais, não se pode perder de vista a noção de aceitabilidade, como avançada pelo antropólogo Ward Goodenough (1957). Em cada situação, em cada evento ou ato de fala, os interagentes têm expectativas culturalmente definidas sobre o que falar e como falar. Daí a responsabilidade da escola ao trabalhar com a pedagogia linguística. Aos alunos não se podem sonegar os recursos linguísticos que os vão habilitar a modular sua fala (e sua escrita) conforme o que se espera deles, em qualquer papel social que tenham de desempenhar.

Aprender na escola que existem modos diferentes de falar, que podemos ajustar de acordo com as circunstâncias, é um passo importante na formação de nossos jovens. Por isso entendemos que a contribuição da Sociolinguística é crucial na formação dos professores e nos currículos escolares nas escolas brasileiras (www.stellabortoni.com.br).

3. Objetivos a serem alcançados

A proposta deste Projeto é, pois, construir “pontes” entre o produto da pesquisa sistemática da Sociolinguística Educacional e a formação de professores. Identificamos 12 problemas no trabalho pedagógico com alfabetização, leitura e escrita em que a Sociolinguística tem uma efetiva contribuição a oferecer. No Projeto trabalharemos essa contribuição específica, em cada um desses tópicos, para a formação de professores do ensino básico.

1. Ênfase na terminologia gramatical e taxionomias da NGB em detrimento da reflexão sobre os usos e estruturas da língua portuguesa;
2. Negligência quanto ao trabalho com a consciência fonológica e o princípio alfabético, especialmente na aplicação de métodos de alfabetização supostamente construtivistas;
3. Aversão ao trabalho com as variantes sociolinguísticas das regras variáveis e seus respectivos valores sociossimbólicos sob a alegação de que não se deve corrigir a fala dos alunos;
4. Negligência na mediação que visa a facilitar a compreensão leitora;
5. Ensino de redação assistemático; espontaneísta e improvisado;
6. Ênfase nos trabalhos de grupo ou em atividades mecânicas como cópia, com prejuízo do esforço cognitivo individual do aluno;
7. Pouca ênfase no reforço de habilidades letradas supostamente previstas apenas para séries anteriores;
8. Correção inócua de trabalhos escolares sem discussão (feedback) nem refacção posteriores;
9. Pouca ênfase no desenvolvimento da competência oral dos alunos;
10. Emprego de metodologias de alfabetização infantil em EJA/ A desvalorização do conhecimento de mundo do estudante de EJA;
11. Pouca ou nenhuma discussão entre professores sobre currículos, planejamento, estratégias de avaliação e trabalho interdisciplinar;
12. O aproveitamento inadequado do tempo de sala de aula.

Objetivo geral da pesquisa

Investigar o processo de familiarização de professores em formação inicial ou continuada com os estudos de Sociolinguística de viés educacional, de modo a promover o empoderamento desses profissionais.

Asserção geral

A familiarização de professores licenciandos em curso de Pedagogia ou em outras licenciaturas ou em formação continuada com a pesquisa sociolinguística de viés educacional pode ser muito benéfica para sua formação.

Objetivos específicos

1. Selecionar dentre os trabalhos produzidos no Brasil, que se caracterizam como de natureza sociolinguística com viés educacional, os que podem ser mais producentes na formação de professores alfabetizadores, de séries iniciais e de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental;
2. Fazer a transposição didática das leituras selecionadas para o trabalho pedagógico em sala de aula;
3. Conduzir trabalhos etnográficos em sala de aula, nos cursos de formação de professores, para a produção de dados descritivos do processo (Ver Bortoni-Ricardo, 2008);
4. Gravar em áudio aulas de Sociolinguística Educacional visando a produzir os dados para a reflexão e a produção de uma teoria ad hoc, referente ao empoderamento sociolinguístico, que se quer promover em relação aos professores em formação inicial e continuada.

Asserções específicas

1. A seleção criteriosa dos textos a serem trabalhados no Projeto com os licenciandos é condição básica para se chegar aos objetivos desejados;

2. A transposição didática das leituras técnicas terá de suprir eventuais lacunas que os professores apresentem em relação a conhecimentos linguísticos básicos;
3. A descrição detalhada do trabalho pedagógico de sala de aula se constituirá nos dados primários para a reflexão de todo o processo;
4. A reflexão dos dados obtidos por meio de gravações e dos trabalhos escritos produzidos pelos alunos contribuirá para transformar em etnógrafos os atores envolvidos, que passarão a ser pesquisadores de sua própria prática pedagógica.

4. Metodologia

4.1 Descrição e sequência metodológica

1. Análise documental: Seleção do material a ser trabalhado em sala de aula nos cursos de formação de modo a compor um currículo para o trabalho com a Sociolinguística de viés educacional nas licenciaturas;
2. Análise etnográfica (1): Gravação de aulas no curso de Pedagogia/ UnB e em outros cursos de formação inicial e continuada onde atuam os pesquisadores do Projeto;
3. Análise etnográfica (2): Degravação das aulas;
4. Análise etnográfica (3): Reflexão sobre os dados degravados;
5. Análise etnográfica (4): Reflexão sobre trabalhos produzidos pelos alunos dos pesquisadores;
6. Análise etnográfica (5): Análise dos diários reflexivos produzidos pelos pesquisadores participantes;
7. Análise etnográfica (6): Elaboração de uma “teoria” referente à validade, dificuldades e ações positivas no processo de familiarização dos professores em formação com a pesquisa sociolinguística de viés educacional.

4.2 Metas

1. Constituição de um banco de dados com:
 - a. Transcrição de no mínimo 60 horas de aula;
 - b. Trabalhos produzidos pelos professores em formação;
 - c. Diários de reflexão sobre o trabalho pedagógico com a Sociolinguística na educação inicial no curso de Pedagogia e Letras e na formação continuada (especialmente nos programas Pró-Letramento, Pra-ler e Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica).
2. Divulgação do banco de dados em meio digital;
3. Realização de uma reunião mensal com todos os participantes com elaboração de atas a serem divulgadas em meio digital;
4. Elaboração de um livro em que se discutirão o “currículo” selecionado e os resultados obtidos no referido trabalho etnográfico de sala de aula;
5. Elaboração de um livro de 12 capítulos referentes à contribuição da Sociolinguística à solução dos 12 problemas identificados no trabalho pedagógico com alfabetização, leitura e escrita (item 3 desta proposta).

6. Cronograma do projeto em meses

Atividades	Meses																							
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
Aprofundamento na literatura e treinamento dos pesquisadores (protocolos-piloto)	X	X																						
Reuniões mensais	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Transcrição de no mínimo 60 horas de aula	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X												
Trabalhos produzidos pelos professores em formação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X												
Diários de reflexão sobre o trabalho pedagógico com a Sociolinguística na educação inicial no curso de Pedagogia e Letras e na formação continuada	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X							
Divulgação do banco de dados em meio digital																			X	X	X	X	X	X
Elaboração de um livro de 12 capítulos														X	X	X	X	X						

7. Referências

- BORTONI-RICARDO, S.M. *Subsídios da Sociolinguística educacional*. Revista Educação, publicação especial nº 2. São Paulo: Editora Segmento, 2010, p. 62-77.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em Língua materna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Subsídios da sociolinguística educacional. *Revista Educação*, Editora Segmento – Guia da alfabetização, vol 2, 2010, p. 62-77.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nós chegamos na escola, e agora? *Sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Um modelo para a análise sociolinguística do português do Brasil. In: BAGNO, Marcos (org.) *Linguística da Norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. P.333-350.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska R.; CASTANHEIRA, Salette F. *et alii*. *Formação do Professor como Agente Letrador*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; FREITAS, Vera Aparecida de L. *Sociolinguística Educacional*. In.: HORA, Dermeval da *et alii* orgs. *Abralin – 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora UFPB, 2009, p.217-240.
- CASTANHEIRA, Salette Flôres. *Estudo Etnográfico das contribuições da sociolinguística à introdução ao letramento científico no início da escolarização*. Dissertação de mestrado em Educação, UnB, 2007.
- COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. *Contribuições da sociolinguística educacional para materiais de formação continuada de professores de Língua portuguesa*. Tese de doutorado em Linguística, UnB, 2011.
- GOODENOUGH, Ward H. *Report of the seventh annual round table meeting on linguistics and language study*. Georgetown University, December, 1957.
- HORA, Dermeval da *et alii* orgs. *Abralin – 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora UFPB, 2009.
- MOLLICA, M. C. (1998) *A influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- PEREIRA, Ana Dilma de Almeida. *A educação (sócio)linguística no processo de formação de professores do ensino fundamental*. Tese de doutorado em Linguística, UnB, 2008.
- SOUZA, Helen Danyane Soares Caetano de. *A formação do pedagogo como agente de letramento: perspectivas e possibilidades*. Dissertação de mestrado em Educação, UnB, 2011.